

**JESUS EM CONFRONTO COM AS FORÇAS DO MAL:
UMA ABORDAGEM TEOLÓGICO-ESPIRITUAL
DE Mc 1,12-13**

*Wêdja Domingos de Melo**
*Adélia Miranda***

Resumo

O Evangelho segundo Marcos foi o primeiro a ser escrito e serviu de fonte para os evangelhos segundo Mateus, Lucas e João, respectivamente. Marcos é o único evangelista que intitula sua obra de “evangelho”, palavra proveniente da língua grega, euangélion, “boa-nova”. Para ele, a boa nova é o próprio Jesus Cristo. Este artigo pretende focalizar a pessoa de Jesus em confronto com as forças do mal, simbolizadas pelas tentações e, ao mesmo tempo, sua vitória sobre elas, que nos anima à nossa própria reforma de vida e alimenta a nossa esperança em uma realidade eclesial e social mais fraterna, humana e justa.

Palavras-chave: *Seguimento. Ensino. Tentação. Deserto. Combate apocalíptico. Fraternidade. Vida.*

Abstract

The Gospel according to Mark was the first to be written and served as the source for the gospels according to Matthew, Luke and John, respectively. Mark is the only evangelist who calls his work “gospel”, a word from the Greek language, euangélion, “good news”. For him, the good news is Jesus Christ himself. This article intends to focus on the person of Jesus in confrontation with the forces of evil, symbolized by temptations and at the same time his victory over them, which encourages us to reform our

* Wêdja Domingos de Melo. Pedagoga. Especialização em Espiritualidade Inaciana. Mestranda em Ciências da Religião pela UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco.

** Ir. Adélia Miranda, OSB. Religiosa da Ordem de São Bento. Graduação em Letras. Mestrado e Doutorado em Teologia.

lives and feeds our hope in an ecclesial and social reality more fraternal, humane and just.

Keywords: *Following. Teaching. Temptation. Desert. Apocalyptic fight. Fraternity. Life.*

Introdução

Ao lermos a narrativa do Evangelho segundo Marcos percebemos a tentativa do evangelista de apresentar quem é Jesus, para que, conhecendo-o, a comunidade de fé se coloque em seu seguimento e faça dos seus ensinamentos, que compreendem seus discursos e sua prática, um projeto de vida.

Ao narrar que Jesus foi tentado por satanás, Marcos quer mostrar que satanás já exercia o seu poder maléfico sobre o mundo. Sua insinuação se dá a partir do interior do ser humano, tentando sugerir desejos, pensamentos e ações contrárias às inspirações do Espírito, procurando, assim, desviar a pessoa e a realidade em que ela vive do projeto divino.

Vencendo as tentações, Jesus aparece como Homem de discernimento, que não cede às paixões nem se deixa vencer pela sedução do ter, do poder e do parecer, mas, consciente de sua missão, deixa-se conduzir pelo Espírito, que o leva sempre à intimidade com o Pai e à solidariedade com seus irmãos neste mundo.

O presente artigo pretende ressaltar a ação de Jesus frente às forças do mal e fazer uma breve leitura teológico-espiritual sobre essa ação.

Nosso trabalho apoia-se na Bíblia e em escritos de autores versados em estudos bíblicos e espirituais, como Ched Myers, Euclides Martins Balancin, Irineu J. Rabuske, M.-J. Lagrange, José Raimundo Oliva, Martinho Penido Burnier, aos quais acrescentamos o contributo teológico-espiritual de homens e mulheres profundamente místicos, a exemplo de São Bernardo, Santo Inácio de Loyola, São João da Cruz, Madre Agathe Verhelle, que sustentam a vida da Igreja com o testemunho de uma vida inteiramente doada a Deus e ao próximo.

O texto de Marcos (1,12-13)

¹²E logo o Espírito o impeliu para o deserto. E Ele esteve no deserto quarenta dias, sendo tentado por satanás; ¹³e vivia entre as feras e os anjos o serviam.

A narrativa da tentação vivida por Jesus encontra-se nos três evangelhos sinóticos (cf. Mt 4,1-11; Mc 1,12-13; Lc 4,1-13). Só Marcos apresenta um relato bastante sucinto, semelhante ao do batismo de Jesus (Mc 1,9-11); não apresenta, por exemplo, as três tentações. De modo mais ou menos esquemático, Marcos aponta a causa da estada de Cristo no deserto; as três principais características

dessa estada: a tentação pelo demônio (satanás); o serviço prestado pelos anjos; a companhia das feras; e, enfim, a duração aproximada dessa luta contra satanás (40 dias), expressão indicativa de uma totalidade sem pretensão de cronologia precisa. O significado do quadro relatado pelo evangelista é resumido por J. Lagrange nos seguintes termos:

Jesus, longe do convívio dos homens, na solidão apenas perturbada pela passagem de algum animal selvagem, é posto durante quarenta dias, à semelhança de Moisés, em contato com o mundo dos espíritos.
Satanás o tenta, evidentemente para fazê-lo decair de seu posto e afastá-lo de sua missão; os anjos o servem por toda espécie de bons ofícios.
Marcos não achou necessário dizer que Jesus saiu vencedor da luta. Que podia satanás contra Ele?¹

Marcos diz que Jesus foi tentado, mas não diz em que consistiu a tentação. Ao longo do seu Evangelho percebe-se que não se trata de apenas uma tentação, mas de várias, que aconteceram durante a sua vida.

Reflexão teológico-espiritual

Dentre os sinóticos, apenas Marcos omite o pormenor das três tentações. Acrescenta, no entanto, a alusão às feras, que evoca o ideal messiânico, anunciado pelos profetas, de um retorno à paz paradisíaca (cf. Is 11,6-9), associada ao deserto (cf. Os 2,16) e o serviço dos anjos para exprimir a proteção divina (cf. Sl 91,11-13).

O presente texto pretende apresentar um aspecto da existência que até mesmo o Filho experienciou em sua condição e natureza humana: a luta interior. O confronto espiritual entre a inspiração e a ação do Espírito e a força e a sedução do mal, de satanás, o tentador, que acontece no âmago do ser.

Embora não explicita as tentações que Jesus sofreu, podemos perceber, pelo texto de Marcos, a raiz dessas tentações, que tem profunda relação com o tema do deserto. Na perspectiva bíblica, o deserto está intimamente ligado à libertação do Egito e ao distanciamento das instâncias do poder opressor. Marcos diz que “Jesus ficou no deserto durante *quarenta* dias”, reforçando com isso a ligação com o êxodo, pois os hebreus permaneceram *quarenta* anos no deserto (cf. Ex 16,35). Foi no deserto que Moisés teve a experiência do Deus libertador (Ex 3) e recebeu os mandamentos, que seriam a base da sociedade justa que Deus queria (cf. Ex 20). Como observa um estudioso desse primeiro Evangelho sinótico, Marcos faz nove referências ao “deserto”. Este tem o sentido de lugar excluído, periferia sem

1. LAGRANGE, J. L'Évangile de Saint Marc. *Études Bibliques*, Paris: Gabalda, 1911. Citado em BURNIER, Martinho Penido, OP. *Perscrutando as Escrituras*, II: São Marcos (I), Petrópolis: Vozes, 1968, p. 17.

recursos e onde reina a fome (cf. Mc 8,2-4). É o lugar do povo oprimido em fuga (êxodo), lugar onde o justo perseguido encontra a proteção de Deus (Elias em 1Rs 19,3-8). É também o lugar onde Deus fala ao coração procurando resgatar a memória do Êxodo” (Os 2,16-17)².

Jesus, conduzido pelo Espírito, vai para o deserto onde é tentado pelo “adversário” e vivia entre as feras, e os anjos o serviam (Mc 1,12-13). A tentação pelo “adversário” é uma temática recorrente no livro de Jó (cf. Jó 1,6-12), cujo conteúdo é o conflito teológico entre Jó e os legalistas tradicionais, defensores da doutrina da retribuição. Em mais de uma passagem de Marcos, Jesus é “tentado” por seus adversários políticos, que dele se aproximam para acusá-lo e intimidá-lo (cf. 8,1; 10,12; 12,14-17).

Do relato de Marcos sobre a tentação de Jesus, com os pormenores por ele explicitados, adverte-se que na raiz da tentação de Jesus está a urgência de discernir, fazer uma escolha entre vida e liberdade, morte e opressão, entre a vontade de Deus Pai que liberta e o poder que oprime. É nesta tensão que se encontra Jesus: de um lado, o Espírito que o impele e os anjos que o servem; do outro, satanás que o tenta e as feras ou animais selvagens. Estas podem representar as inclinações ao pecado que todo ser humano tem. Jesus, enquanto homem, teve que se decidir entre servir a Deus Pai ou servir a satanás. Qual a decisão de Jesus? Ele optou por ser fiel, até o fim, ao projeto do Pai, projeto de vida e liberdade para todos.

Jesus será tentado muitas vezes a abandonar o projeto do Pai. Sua prática será a maior prova da presença de Deus no mundo e indicará qual é a vontade de Deus. Vivendo em profunda comunhão com o Pai e sempre acompanhado de sua presença e proteção, Jesus não cedeu às forças do mal.

Marcos anuncia que a grande luta apocalíptica histórica está em andamento, com a grande “novidade” surgindo, não nos ambientes do Templo, mas na periferia. No Evangelho que segue, Marcos desenvolve este combate apocalíptico de luta de Jesus com os demônios, realizando-se no confronto de autoridade com os escribas, tendo como base o confronto entre o “homem forte” e o “mais forte” (3,23-30)³.

O prólogo de Marcos oferece-nos, pois, um importante conteúdo teológico: o combate apocalíptico, que se consuma aqui na terra. O combate desce dos céus para a terra, e se dá entre o Filho amado e o poder religioso, sediado na sinagoga e no Templo, e o poder do Império, com sua imagem estampada no dinheiro.

2. OLIVA, José Raimundo. O Caminho do Mais Forte: breve comentário sobre o prólogo do Evangelho de Marcos. In: O Evangelho de Marcos, boas-novas para o Novo Milênio. *Estudos Bíblicos*, n. 64, Petrópolis: Vozes, 1999, 45.

3. OLIVA. O Caminho do Mais Forte, n. 64, p. 48.

Com o relato das tentações pretende-se, pois, ressaltar um aspecto da existência humana da qual nem mesmo o Filho de Deus foi poupado em sua condição e natureza humana: a luta interior, o confronto espiritual entre, por um lado, a inspiração e a ação do Espírito, e, por outro, a força e sedução do mal (satanás, o tentador), que acontece não só no íntimo de cada ser humano, mas também nas estruturas sociopolíticas, tais como as vimos retratadas no tempo de Jesus e como se apresentam, ainda, nos dias de hoje. No seu Evangelho, Marcos delineia uma teologia histórica, na qual os fatos históricos são em si mesmos uma revelação de Deus, e procura retratar o desfecho apocalíptico na história, ou seja, o *fim* de uma *história* de opressão e morte e o *início* de uma *história* de vida plena para todos.

Esta abordagem nos permite concluir, com J.R. Oliva, que “a vida gloriosa no Reino é uma realidade, hoje, contudo em combate com as forças satânicas da divisão e da morte”⁴. O Evangelho de Marcos alimenta, assim, a esperança de todo o povo de Deus por um Reino de fraternidade, partilha, justiça e vida, pois, em Jesus, nosso Senhor e Mestre, esta “nova terra” já foi alcançada, graças à sua luta e vitória sobre as forças do mal.

No campo da mística cristã, um grande contributo foi dado por São Bernardo, para o qual a luta do cristão se dá em dupla frente de batalha: contra “a carne e o sangue” e “contra os espíritos malignos do mundo invisível”. Outro significativo aporte é o de São João da Cruz, em cuja “Noite Escura” afirma ser o demônio “o mais forte e astuto inimigo”, que se insinua em todos os campos da atividade humana, procurando minar até a relação do homem com Deus. Por sua vez, a Madre Agathe Verhelle (1786-1838), fundadora das Damas da Instrução Cristã, alertava suas filhas dizendo que, “enquanto estamos na terra, estamos em um campo de batalha, onde nunca dorme o Inimigo”⁵.

Ainda nesse contexto de combate espiritual, Santo Inácio de Loyola⁶ chama satanás de inimigo (da natureza humana) e afirma que este usa diferentes táticas para seduzir e tentar o ser humano, visto que cada pessoa possui peculiaridades próprias – sua individualidade –, inclusive no que se refere à inclinação para o pecado, sua vulnerabilidade. Sobre isso dirá:

O inimigo é um estrategista esperto que adapta as suas táticas e tentações ao nosso modo de ser: a uns meterá medo (cf. EE 325); a outros, os fará ter vergonha de abrir sua consciência com quem poderia ajudá-los; e a todos rodeará, para poder atacá-los pelo ponto mais frágil⁷.

4. OLIVA. O Caminho do Mais Forte, n. 64, p. 49.

5. Citado por GONZÁLEZ-QUEVEDO, Luís. *Discernimento espiritual*. As Regras Inacianas. Leitura e Releitura. São Paulo: Loyola, 2013, 69-70.

6. Santo Inácio de Loyola (1491-1556) é o fundador da Companhia de Jesus e deixou para a Igreja, como um grande legado, a espiritualidade inaciana e os Exercícios Espirituais (EE).

7. Cf. GONZÁLEZ-QUEVEDO. *Discernimento espiritual*, p. 87.

Na abordagem espiritual inaciana, as três tentações de Jesus, mencionadas nos evangelhos segundo Mateus e Lucas, respectivamente, podem significar a inclinação natural que todo ser humano tem pelos atrativos do prazer, do ter e do parecer, sobretudo numa era, como a atual, em que a insatisfação domina o interior de muitas pessoas. Diante da dificuldade de encontrar o sentido da própria vida, a pessoa, cada vez mais distraída e distante de si mesma, confunde o fim de sua existência com os meios que deve utilizar para realizá-lo. Com isso, passa a fazer uso das coisas criadas de maneira desordenada e egoísta. Por outro lado, por ser a pessoa humana dotada de afeto e sentir a necessidade de “aderir” o seu coração a algo importante para a sua vida, começa a desenvolver apego a ideias, projetos, posicionamentos, títulos, ascensão profissional, *status* social e a uma série de objetos e circunstâncias que lhe deem prazer, conforto, reconhecimento por parte de outrem ou que lhe assegurem uma imagem triunfalista, satisfazendo a sua ânsia de parecer, em geral acompanhada do desejo de aquisição irrestrita das coisas criadas, as quais, na maioria das vezes, não lhe são necessárias. Assim, a pessoa vai se distanciando da sua finalidade última enquanto criatura, da sua verdadeira realização, da sua comunhão com Deus e com os seus semelhantes (irmãos e irmãs). Em tal circunstância, é interpelada por Deus para fazer uso das coisas com discernimento e de modo ordenado, sem apego afetivo, sem “aderência do coração”, e a ser solidária com o próximo. Dentro da perspectiva inaciana, trata-se de viver na busca constante do fim para o qual foi criada, o qual consiste essencialmente em louvar, reverenciar e servir a Deus e, assim, salvar-se.

O reto uso das coisas criadas é consequência lógica da vocação humana. Uma questão de bom-senso: os meios são para o fim. Todas as coisas criadas, tudo, fora o ser humano, são meios. Riqueza, conforto, prazer convertidos em fim não podem trazer senão frustração e desgraça. Aí está a raiz de tanta injustiça, de tanta desordem no mundo. O plano de Deus às avessas! O ser criado para viver em comunhão, que só pode entender-se corretamente a partir de Deus e do irmão, tem a pretensão de compreender o mundo a partir do próprio eu erigido em senhor absoluto e soberano. Todos nós, em lugar de usar as coisas como meios para o louvor, a reverência e o serviço de Deus (para que todos os homens possam realizar este fim), fazemos, tantas vezes, das coisas, fins⁸.

Jesus vence a tentação, age contra as suas inclinações naturais enquanto Homem, Verbo Encarnado, e nega-se a assumir uma postura de autossuficiência e vaidade, que busca o poder em benefício próprio.

A tradição judaico-cristã apresenta a vida nesta terra como um “combate espiritual” (cf. Jó 7,1; Ef 6,10-17). A pessoa espiritual deve lutar contra o mal, empenhando-se, antes de tudo, por dominar suas próprias paixões desordenadas.

8. GOPEGUI, Ruan A. Ruiz. *Procurar e encontrar Deus por meio dos Exercícios Espirituais*. São Paulo: Loyola, 2005, 41-42.

Jesus enquanto Homem livre

Nesse contexto, parece-nos oportuno realçar a figura de Jesus como um homem que possuía profunda liberdade interior. Por isso, não necessitava apoiar-se em coisa alguma como meio de autoafirmação; não precisava acumular ou fazer reservas de coisas que lhe dessem a sensação de estar garantindo os meios para a própria sobrevivência. Sua confiança estava naquele que conhece as necessidades de cada ser humano e vai ao encontro delas.

A ansiedade de possuir é, no fundo, outra forma de medo de que necessitemos ser libertados. Possuir, acumular, guardar... são uma forma de proteger e ocultar nosso próprio desvalimento⁹.

Jesus, Homem livre, sabia colocar as coisas criadas nos lugares a elas destinados. Antes de ser reconhecido como Senhor da humanidade, por ser Deus, sabia ser senhor de si. Escolheu a pobreza frente à riqueza, realidade tão bem experienciada e anunciada por Paulo: “Vós conheceis a bondade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Sendo rico, se fez pobre por vós, a fim de vos enriquecer” (2Cor 8,9).

Aceitou a condição humana, respeitando o livre-arbítrio daqueles que, corrompidos pelo atrativo do poder religioso e civil, o condenaram injustamente à morte. Condenaram-no ao tipo mais doloroso, humilhante e punitivo de morte existente naquela época: a morte de cruz. E isso porque sua vida e o modo de realizar a sua missão a serviço da vida provocavam as autoridades de seu tempo. Porém Jesus era um Homem indiferente: para Ele pouco importava o que pensavam ou falavam dele: seu fim era salvar. Se isso viria acompanhado da condenação que lhe “tiraria” a honra, enquanto pessoa, pouco importava. Jesus não regateou, não voltou atrás. Ele é e será sempre um modelo a ser almejado e imitado.

“Devemos tornar-nos indiferentes”. Porque muitas vezes temos apegos desordenados às coisas criadas, fazemos delas fins, em lugar de meios. A Indiferença é a graça da arrumação dos desejos, das tendências e dos sentimentos: uma tarefa para a vida toda. Devemos colocar-nos diante de Deus na verdade de nossos desejos, de nossas vontades, que em muitas coisas não estão plenamente ordenadas ao fim a que somos chamados. Com frequência queremos mais riqueza que pobreza, honra que desonra, antes mesmo de saber se isso é o melhor meio para o fim da criação. Nesse querer se esconde uma ilusão.

No mais profundo do ser humano, o querer e o desejo estão orientados para a sua realização plena em Deus. Essa é a sua verdade. O mundo, que está

9. ALEXANDRE, Dolores. *Ícones bíblicos para um Itinerário de Oração*. São Paulo: Loyola, 2000, 137.

sob o domínio do pecado, confunde nossos sentimentos, faz-nos pensar que a realização está na riqueza, no conforto, na honra. O mundo apresenta todas essas coisas com máscara de deuses. O nosso querer, orientado para Deus por vocação divina, é iludido e desviado por esses falsos deuses.

No plano da lógica intelectual, as coisas estão claras. Mas o combate da indiferença se dá no campo dos desejos profundos, desorientado pelo pecado. Mudar esses desejos profundos é uma coisa que só pode ser feita por Deus, com nosso consentimento. É o Espírito de Deus que nos levará, aos poucos, a não querer mais riqueza que pobreza, honra que desonra... e passar a querer somente, em cada escolha da vida, o que mais conduz ao fim para que somos criados: que cada um de nós, junto com todos os irmãos, encontremos nossa alegria mais plena em louvar, reverenciar e servir a Deus nosso Senhor¹⁰.

O mesmo Espírito que impeliu Jesus ao deserto levou-o ao conhecimento de sua interioridade e o fez Homem de discernimento durante toda a sua vida terrena; portanto conhecedor das astúcias do tentador, do mau espírito, que, mentindo, tentava-o quanto ao suprimento de uma de suas necessidades básicas, – a de alimentar-se –, apelando para a sua relação filial com Deus. O tentador serviu-se da mentira para dizer-se possuidor de poder e glória. Por fim, tentou-o quanto ao “parecer todo-poderoso” instigando-o, pela mentira, a atentar contra a sua própria vida. Jesus recusa todo apelo ou tentação das forças do mal, sempre contrárias à vontade do Pai para a sua vida e missão. Ele desmascara a forma utilizada pelo mau espírito, ou seja, o tentador, para tentá-lo a viver segundo os apelos da sua natureza humana, e resiste às tentações. Santo Inácio chama a atenção para esse aspecto em suas orientações para os que fazem os Exercícios Espirituais:

O inimigo quer a nossa perdição. Para tanto, ele nos atrai para o caminho do mal, empregando uma tática tão velha como a humanidade: a mentira¹¹.

Jesus, no confronto com as forças do mal que o tentam em seu interior, age de maneira absolutamente contrária à proposta do mau espírito, porque era movido pelo amor ao Pai e à humanidade, e não pela vaidade, nem pela sede de ter ou de poder, ou pelo desejo de parecer ou de mostrar-se diante das pessoas, o que é tão visível na sociedade atual. Jesus é o Homem maduro, ascético, centrado na finalidade de sua missão terrena e, portanto, modelo a ser seguido em nossa caminhada rumo à pátria celeste. Sobre isso Santo Inácio deixa também uma nota para aqueles que fazem os Exercícios Espirituais.

10. GOPEGUI, Ruan A. Ruiz. *Procurar e encontrar Deus por meio dos Exercícios Espirituais*, p. 42-43.

11. GONZÁLEZ-QUEVEDO, Luis. *Discernimento espiritual*, p. 72-73.

Inácio aconselha ao exercitante enfrentar sem medo as tentações do inimigo, fazendo o diametralmente oposto ao que a tentação lhe insinua. É o princípio ascético conhecido com a expressão latina *agere contra* (“agir contra [a tentação]”). A história dos santos está cheia de exemplos dessa atitude¹².

A toda pessoa humana é dado pelo Espírito Santo o bom Espírito, o dom do discernimento, que a torna apta a distinguir, em seu interior, os apelos e inspirações de Deus das insinuações e tentações do mau espírito, o inimigo da natureza humana. É preciso viver segundo o Espírito e captar sua luz, que nos encaminha à santificação, que acontece no presente da nossa existência. Devemos pedir ao Senhor fé e humildade, bem como a docilidade para acolher a graça do Espírito em nossa vida.

Porém, Inácio supõe que, à luz da revelação cristã, em clima de oração e confrontando a nossa caminhada com uma pessoa espiritual, é possível distinguir o bem do mal. É a graça do discernimento, que devemos pedir com humildade e perseverança¹³.

Enfim, vencendo Jesus as forças do mal, mostra à humanidade que é possível caminhar no chão desta existência desenvolvendo as virtudes e os carismas dados pelo Espírito, bem como os valores do Reino por Ele apresentados desde a encarnação, passando pelo seu ministério, implícitos durante a vida oculta e explícitos na sua vida pública, sobretudo durante a experiência de sua Paixão, Morte e Ressurreição, pois Ele é a imagem à qual todo ser humano é chamado a configurar-se (cf. Ef 4,22-24).

Considerações finais

A leitura dos textos da Sagrada Escritura à luz da espiritualidade sempre interessou às pessoas que buscam o crescimento e amadurecimento da fé, pois serve como meio privilegiado para uma relação pessoal com Deus, que desembocará no conhecimento interno de Jesus e na experiência de se tornarem contemplativas na ação. O presente artigo deixou-se guiar por esse intuito. Que ele possa fomentar nos leitores, no dizer de Santo Inácio de Loyola, o “sentir e saborear as coisas internamente”. Bem como a vencer as forças do mal, sobretudo no interior, pois, enquanto caminhamos nessa existência, o combate espiritual é constante, visto

12. GONZÁLEZ-QUEVEDO, Luís. *Discernimento espiritual*, p. 77.

13. *Ibid.*, p. 87-88.

LAGRANGE, J. *Études Bibliques*, 1911, p. 17.

que somos “dualidade, contradição”. Precisamos, com o uso de nossa liberdade e vontade, resistir às nossas inclinações ao pecado e ao apego.

Wêdja Domingos de Melo
Rua Manoel Bernardes, 134, apt. 1901
Bairro da Madalena
50710-350 Recife, PE
E-mail: wedjadm@gmail.com

Ir. Adélia Miranda, OSB
Convento das Beneditinas,
Largo da Misericórdia, s/n
53020-180 Recife, PE
E-mail: adeliimiranda@yahoo.com.br

Bibliografia

- ALEXANDRE, Dolores. *Ícones bíblicos para um itinerário de oração*. São Paulo: Loyola, 2000.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova Edição Revista e Ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- BURNIER, Frei Martinho Penido. *Perscrutando as Escrituras II: São Marcos (I)*. Petrópolis: Vozes, 1968.
- GONZÁLEZ-QUEVEDO, Luís. *Discernimento espiritual: as regras inicianas*. Coleção Leitura e releitura. São Paulo: Loyola, 2013.
- GOPEGUI, Ruan A. Ruiz. *Procurar e encontrar Deus no dia a dia por meio dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio*. São Paulo: Loyola, 2005.
- LAGRANGE, J. L'Évangile de Saint Marc. *Études Bibliques*. Paris: Gabalda, 1911.
- MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- OLIVA, José Raimundo. O Caminho do Mais Forte. Breve comentário sobre o prólogo do Evangelho de Marcos. In: O Evangelho de Marcos, boas-novas para o Novo Milênio. *Estudos Bíblicos* n. 64, Petrópolis: Vozes, 1999, 43-50.
- PAIVA, R. *Exercícios Espirituais de Santo Inácio*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2013.
- VÁRIOS. O Evangelho de Marcos, boas-novas para o Novo Milênio. *Estudos Bíblicos* 64. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. *Dicionário Bíblico*, vol. 5. São Paulo: Loyola, 1987.